



A morte é *di* mentira: Louise Bourgeois não morreu! Palavras em performance: ação em três atos

Elisabeth Bittencourt

Psicanalista e escritora, membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Louise Bourgeois; Morte; Psicanálise; Linguagem.

Para Denise Stocklos

[I]

Rio, 31 de maio de 2010.

Leio na Internet que Louise Bourgeois havia morrido... Não acredito (mesmo!) que tenha acontecido... Para mim é da ordem do real...

Rio, 3 de junho de 2010 (véspera do meu aniversário!).

Sonho que a morte é *di* mentira: Louise Bourgeois não morreu!

São Luís, 24 de junho de 2010, dia de São João.

Escrevo um e-mail para minha amiga Wael contando que estava mergulhada no silêncio e no real da Coisa: não conseguia acreditar que era verdade que Louise Bourgeois havia morrido!

BEM ANTES DE TUDO ISSO...

Rio, 15 de fevereiro de 2001.

Compro na Livraria da Travessa, de Ipanema, no Rio de Janeiro, o livro “Destruição do Pai – Reconstrução do Pai. Escritos e Entrevistas 1923-1997”, de Louise Bourgeois.

Aeroporto de São Luís, no Maranhão, indo para Maceió, nas Alagoas, 23 de março de 2001.

Abro pela primeira vez o livro de Louise Bourgeois. Os olhos se arregalam! Fico espantada!

Chego em Maceió muda e tonta com a cor do mar e o farfalhar dos coqueiros das Alagoas...

A caminho de São Luís – não sei de onde vinha... – ,7 de abril de 2001.

Abro de novo o livro de Louise e ele vira uma espécie de meu acompanhante! Onde vou, ele vai também...

QUATRO ANOS DEPOIS...

Rio, 8 de março de 2005.

Assisto no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio, à peça “Louise Bourgeois: Faço, Desfaço, Refaço”, de Denise Stoklos, inspirada na obra de Louise. Fico 24hs muda! Fui fazer análise muda!

CINCO ANOS DEPOIS...

BOURGEOIS ME ACOMPANHANDO...

Aeroporto do Rio, indo para Belo Horizonte. De lá rumo a Ouro Preto em 22 de julho de 2009.

Aeroporto do Rio, indo para Marabá, no Pará, 9 de setembro de 2009.

É pensando no que está faltando aqui, pensando nisso pouco a pouco, à noite quando viajo, e assim por diante – “O que está errado? O que está errado?” –, que descubro uma forma de solucionar a dificuldade ao fazer uma obra.

Isso é uma concepção em certo nível – a arte trata da vida. Então, para produzir o que preciso produzir, tenho de provar a mim mesma que posso organizar e que vou fazer a peça. Isso é realmente o início. Não é dedutivo, é intuitivo – você precisa ler Pascal! (Bourgeois, 2000, p. 160).

[II]

UM HOMEM E UMA MULHER
VIVERAM JUNTOS
UMA NOITE ELE NÃO VOLTOU
DO TRABALHO E ELA ESPEROU
ELA FICOU ESPERANDO E
ELA FOI FICANDO
MENOR SEMPRE MENOR
MAIS TARDE UM VIZINHO PASSOU POR AMIZADE
E ALI A ENCONTROU NA POLTRONA
DO TAMANHO DE UMA ERVILHA

Bourgeois, Louise. Parábola escrita em 1947 e por ela estampada em 1992 (Id., 2000, p.50).

Juro, juro que é verdade. Foi assim... Soube que Louise Bourgeois havia morrido. Imagine... Louise jamais iria morrer! Uau... que pensamento mais inusitado! Como Louise Bourgeois não iria morrer? Nunca?

Era de verdade: eu tinha certeza de que Louise Bourgeois nunca iria morrer. Mas... como assim? Lá... Isso eu não sei. Só sei que algo em mim tinha a certeza de que Louise nunca morreria, tanto que nessa mesma noite, reafirmando minha convicção, sonhei que a morte era *di* mentira. É... a morte, no meu sonho, era de mentira!

No sonho, eu aparecia assim no meio da cena, cheia de certeza e dizia com toda a convicção: a morte é *di* mentira. *Vera...* juro... foi isso que aconteceu! Ora, se a morte era *di* mentira, Louise nunca iria morrer.

Passou o tempo... Eu sem desconfiar de nadinha... inocente, inocente, protegida pela minha certeza - só - com um mal-estar, com uma tristeza grave e suave. Um dia, o espanto da morte de Louise me pegou: Louise Bourgeois morreu! Era *di* verdade! O meu sonho me enganou?

Desenganada pelo sonho, comecei a procurar: o que me levou a crer que Louise não iria morrer nunca? O tempo do inconsciente me fez esperar até o momento da escrita? Tinha esperança de que neste tempo algum sentido adviesse desse real que subjaz à morte e impregna nossas almas. Ele veio...

Ora, ora... Louise era muito sabida: escutem as coisas que ela diz, leiam suas palavras, perscrutem suas obras... Só uma moça tão esperta assim seria capaz de arquitetar trilhas de saber, em que ela, somente ela, fosse capaz de metamorfosear a única verdade que preexiste à condição do humano - a certeza da morte - e transformá-la numa mentira. Ah, doce ilusão! Vai ver que acreditei na fantasia do bobo da corte do rei Lear de Shakespeare que, ironicamente, espetava com uma lâmina fina seu rei, clamando que ele se tornasse sábio antes de envelhecer. *E assim driblasse a morte?*

NOTAS, FRAGMENTOS, DIÁRIOS, ESCRITOS, AFIRMAÇÕES, OBSERVAÇÕES, PERFORMANCES, AGENDAS, DESENHOS, BLOCOS DE ANOTAÇÕES, TESTEMUNHOS, ESCULTURAS, CONVERSAS, ESCRITOS POÉTICOS, FOLHAS SOLTAS DE PAPEL...

Louise não se poupava de encontrar suportes para tecer sua própria ficção. Ela, que era filha de restauradores de tapetes na França do início do século XX, trançou palavras, fios, desenhos, na insistência em se contar - desejo de restaurar sua infância e colocar alguma ordem no turbilhão de seus temores: “Palavras conectadas entre si podem estabelecer novas relações... uma nova visão das coisas” (Bourgeois, 2000, p. 49).

Louise faz do seu cotidiano um *diário desde os doze anos*. Isso nunca cessou de não se escrever? Para ela a memória era a fortuna do dia-a-dia; e o passado nunca passava: “Todo dia você tem de abandonar seu passado ou aceitá-lo, e se não conseguir aceitá-lo torna-se uma escultora” (Ibid., p. 134). Seria um método de trabalho? Se ela aceitasse seu passado, perderia esse manancial de matéria bruta para realizar o trabalho de se contar e mais, segundo ela, aquilo que importa; a construção de sua obra?

É assim que ela conserva em *banho maria* o infantil do ódio que nutria por seu pai; daí tira o elã de sua criação: “Tudo que faço

é inspirado no início de minha vida”(Bourgeois, 2000, p. 13). Sua mestra, Sadie, era amante de seu pai e sua mãe tolerava Isso - ela não entendia por quê: “Então que papel desempenho nesse jogo? Sou um peão. Sadie está supostamente ali como minha professora e na verdade, você, minha mãe, me usa para vigiar seu marido. Isso é abuso infantil” (Ibid., p. 134).

Os diários servem de suporte para que Louise mapeie seus dias: encontros, desencontros, perguntas, compromissos. Neles transcreve as emoções e o desfile de seus pensamentos. O diário serve de laboratório para a experiência de se escrever e daí partir para o trabalho que, segundo ela, é o que interessa; o trabalho para o outro: “A única coisa que conta é se o resultado tem validade plástica” (Ibid., p. 82).

Ela crê que um artista precisa falar do que sente:

As palavras de um artista devem ser interpretadas sempre com cuidado. A obra concluída é com frequência estranha, e às vezes representa o contrário daquilo que o artista sentiu ou quis expressar quando começou. [...] O cerne de seu impulso original está, se estiver, no trabalho em si. Mesmo assim o artista deve dizer o que sente... (Ibid., p. 66).

Mas...por que um artista deveria dizer o que sente, se o cerne de sua obra está no trabalho em si? Dizer o que sente faz parte do contemporâneo?

Dizer o que sente é mais um recurso que Louise usa na urgência de se contar, para, a partir daí, deste *plateau* subjetivo, construir sua obra que anseia pelo tridimensional? Uma tentativa de dar uma forma à coisa que habita o Outro lado – o lá...que não cessa de não se escrever e que às vezes é violento, tal qual as forças pulsionais?

Louise quer quebrar um pedaço do real – como faz com suas esculturas - e criar uma cena contemporânea. *Fazer cenografia com Isso que vem de um Outro lugar e que vai além das palavras?*

O que se diz não é somente representação! Que coisa é essa que corre por fora, que escorre em outro leito, que é feita de outro material, às vezes duro como pedra, às vezes mole como um plástico derretido, mas que faz eco; ressoa em nossa escuta na insistência em se expressar? Para Louise, em três dimensões?

Louise se enuncia como uma mulher concreta. Para ela “as formas são tudo” (Ibid., p. 197) e só a escultura é capaz de exorcizar seus fantasmas: “Tornadas abstratas, se as formas estiverem certas deveriam provocar um impacto direto, mesmo inconsciente. A obra deve se sustentar por si mesma e é a forma que irá garantir sua sobrevivência” (Ibid., p. 75).

A abstrusidade, a dureza do material a ser enfrentada - a pedra, o mármore - ajudam Louise a se exorcizar. Ao escavar esse material, ela se defronta com o impossível da condição humana - o sexo, o assassinato, a morte: “Todos esses estados do ser, perceber e fazer são expressos em processos que nos são familiares e que têm a ver com o tratamento dos materiais, derramar, fluir, gotejar, escorrer, fixar, endurecer, coagular, derreter, expandir, contrair, e com os aspectos voluntários, como deslizar, se aproximar, se reunir, se deixar” (Bourgeois, 2000, p. 76).

Uau! Diante d'isso, pra que escrever?

Mesmo desconfiando das palavras e daqueles que as gargarejam, como ela diz de Lacan e Boussuet, ela não entende: “[...] a razão de os artistas dizerem qualquer coisa porque supõem que o trabalho fala por si; e o que quer digam sobre ele soa como uma desculpa, como algo desnecessário” (Ibid., p.16).

Louise usa das palavras não só para contar de sua obra, é também uma artista do século XX, no que este expressa o desejo de se contar a partir desse impossível que é o si mesmo. Mas...Louise sabe que o si mesmo é uma das trapaças que habitam o mundo invisível! Na construção do si mesmo, o real e a verdade *porfiam* entre si na procura do que seja o tal do verdadeiro. No si mesmo - essa entidade mergulhada no nada - o Outro já está imerso e a margem da identidade escapa ao olhar. O Um não aparece, não passa de um fantasma que se esfumaça...

Do moderno ao contemporâneo, Louise atravessa o corredor do tempo. Vive o século XX com todas as rupturas que o marcaram, mantendo a tradição da criação com novas quimeras estéticas, aportando no mundo contemporâneo, nos tempos da desmaterialização do objeto artístico, da Arte de Ação, ou melhor, das Palavras em Ação, ou mais ainda, da “imersão da vida na arte” (Morineau, 2013, p.114): “Decidi ilustrar a obsolescência das cercas do século XX, processando-as como obra de arte.[...] Obviamente a arte estava em eliminar um assunto fantásticamente doloroso – e também a *maldita* cerca” (Bourgeois, 2000, p. 111).

Da estética do se contar à armação da cena

Ao querer bem dizer de sua cerca, daquilo que a cerca, Louise é testemunho dessa estética em que o artista insiste em se contar: “Você pode aguentar qualquer coisa, desde que a ponha no papel. Tem de fazer para poder se segurar. [...] Tudo o que você precisa é

caneta e papel. Mas você precisa redirecionar a sua concentração” (Bourgeois, 2000, p. 49). Você não pode, conforme suas próprias palavras, apenas ficar remexendo no passado, senão a energia se esvai e o trabalho não é realizado: “[...] me é impossível trabalhar porque o passado retorna e minha energia se gasta em lembrar em vez de trabalhar” (Ibid., p. 194).

Louise crê na força do simbólico. Sua costura é no campo do simbólico. Tessitura de linguagem. Inconsciente. Associação livre. Ressignificação. Restauração. Tentativa de abrandar o medo de ser separada e abandonada. Ela conta que a ideia da restauração vem de sua família: “As coisas podem ser reparadas. [...] tenho certa fé na ação simbólica” (Ibid.). Por Isso, ela insiste em se servir das palavras para dizer o que sente, para se contar em seu passado e escarafunchar sua obra em palavras?

A escrita seria apenas um recurso coadjuvante do qual lança mão? : “Desenho muito, dia após dia; repito as coisas porque não me satisfaço com elas. Se não é convincente, continuo escrevendo” (Ibid., p. 293). *A escrita ampliava seu universo expandindo sua convicção?* Mas...para se expressar, expressão que, no seu caso, tem seu sentido enfatizado – Louise precisa da terceira dimensão: “As gravuras e os desenhos representam um papel bi dimensional. Para expressar o que quero dizer, preciso de três dimensões” (Ibid., p. 311). E assim criar uma cena contemporânea? Pra que então escrever?

Louise tem a coragem de dizer que “todos” os seus pensamentos são visuais – Isso deve ser o próprio inferno da criação - e levam anos, segundo seu próprio testemunho, até chegar à realização da obra: “A realização é uma coisa em três dimensões, para mim não há como escapar disso” (Ibid., p. 83).

A cena de Louise Bourgeois

Se Louise precisa do tridimensional para realizar seu trabalho, recorre à palavra como um suporte que a suporta nessa busca de expressar seu universo particular e que, às vezes, exige uma enorme violência, como no caso da obra *A destruição do pai*. Ela me estatela ao contar da construção dessa obra, inspirada em tantas obras que contam do assassinato do pai que é cruel e comum, fácil de se achar por aí... Lembrei-me de Cronos que devora os filhos e de “Totem e Tabu” de Freud. O que me estatela é a sua coragem de trazer a cena para dentro de nossos lares, para o centro de nossa sala, em cima da mesa e longe do quintal - lembrando-me o “Império das Meias Verdades” de Gerald Thomas.

É assim na sala de nossa casa da infância que Louise arquiteta sua cena. Um pai comum do século XX derrama aplausos para si próprio, dia após dia, em volta da mesa. Ali, ele é o chefe: e não representa a Lei? Dia após dia, as crianças se ressentem dessa cena: “Chega o dia em que elas se irritam. Há tragédia no ar. Ele já fez demais esse discurso. As crianças o agarram e o põem sobre a mesa. E ele se torna a comida. Elas o dividem, o desmembram e o comem. E assim ele é liquidado” (Bourgeois, 2000, p. 115).

Acrescenta: “Trata-se como você vê de um drama oral! A irritação era sua constante agressão verbal. Então ele foi liquidado: da mesma maneira que havia liquidado seus filhos” (Ibid.). Novamente as palavras... E como ela se serve bem delas!

Seria Isso que me fez querer um dia ser a Louise Bourgeois? Novamente essa besteira de ser! Tudo começou quando descobri que não era a Clarice Lispector. A pergunta era séria e precisei escrever um trabalho sobre a Macabéa de Clarice, para concluir esse intrincado de obviedades: eu não era a Clarice Lispector! E agora novamente me via afogada nesses mares turvos, inacreditáveis, em que o ser ou não ser se colocam como anseio, ilusão do meu ser, ilusão de ser: eu sou a Louise Bourgeois!

Seria um método de trabalho? Ao aceitar essas perguntas idiotas e insistentes sobre ser ou não ser, o meu desejo acha uma trilha para me expressar? Eu sou viciada em palavras e almejo o patamar das artes visuais – sou fã da Sophie Calle!

Aproveitando-me desses inusitados que me acometem, chego ao final deste escrito, sabendo do meu desejo de alcançar outros patamares de expressão em que a palavra fale dos pensamentos visuais que me habitam, exigindo a armação de uma cena - a construção de uma obra com toda a violência que a cenografia demanda, nem que para isso seja necessário usar moldes do açougue:

E todas essas coisas de borracha são na verdade moldes de membros de animais. Fui ao açougue da Nona Avenida e comprei pernil de cordeiro, coxas de galinha, e fiz seu molde em gesso mole. Mergulhei-os no material, depois virei o molde, o abri, joguei a carne fora e moldei as formas em borracha. [...] É uma peça muito assassina, um impulso que surge quando alguém está sob grande tensão e se volta contra aqueles que mais ama (Bourgeois, 2000, p. 116).

Coisa corriqueira na vida de nós todos...

[III]

Rio, 19 de julho de 2013.

Desde que apresentei este trabalho na VIII Ciranda de Psicanálise e Arte (17 de setembro de 2011), a falta compareceu... A falta era sua marca? Ou faltava escrever mais ainda?

Me dou conta de que não só há que se dizer mais ainda, como será preciso adivinhar um Outro formato para esse escrito dizer de mim neste momento...

No tempo da Ciranda, sabia sem saber, mas hoje sei, que na década de 60 do século XX, a linguagem escrita passou a ocupar um lugar central no processo de criação das artes visuais. Ou seja, mudou de arredores, digamos assim, saiu das redondezas para o centro da Coisa: “O centro não é igual em todas as superfícies. Único num planalto, por toda a parte numa esfera, sobre uma superfície mais complexa pode fazer um nó engraçado. É o nosso”, diz Lacan (1989, p. 126).

Louise faz parte daquela turma de artistas que na década de 60 do século XX usa a linguagem como meio de produção para a criação. O crítico e artista Sol Le Witt (apud MORINEAU, 2013, p. 14) diz que se as palavras vêm, elas já chegam impregnadas pela arte, assim deixam de ser somente literatura e passam a ser uma Outra espécie de arte, como os números na matemática não são apenas números.

Louise Bourgeois não só conta em palavras como são as ideias que encenam suas obras; como se utiliza de seu enredo pessoal para dizer o que sente. Como coloquei no início deste trabalho, ela acredita que um artista precisa dizer o que sente:

A obra concluída é com frequência estranha, e às vezes representa o contrário daquilo que o artista sentiu ou quis expressar quando começou. [...] O cerne de seu impulso original está, se estiver, no trabalho em si. Mesmo assim o artista deve dizer o que sente... (Bourgeois, 2000, p. 66).

As palavras escrita e falada passaram a servir de suporte para que uma Outra categoria de obra se revelasse ao mundo das artes: aquela que conjuga palavra com vida subjetiva. A topologia é de uma banda de Moebius: não tem nada dentro ou fora, é tudo dentro! Tanto faz palavra quanto obra?

As mulheres do meu tempo - as que fizeram parte da turma que abriu a palavra, para que muitas outras mulheres pudessem se

expressar - e Isso, no mundo todo -, acertaram no mote: as mulheres de qualquer classe social, alfabetizadas ou analfabetas letradas tinham mais do que uma demanda, mas um apelo, em usar as palavras para se contar. Esse foi um grande acerto do feminismo: franquear a palavra.

Chamar à fala mulheres de todo mundo e de todas as classes sociais fez uma reviravolta. Palavra franqueada, as mulheres começaram a falar de si: esse si feminino, difícil de ser recortado, mas possível de ser bordejado. Era fundamental que esse si pudesse se dizer, para poder desenterrar mortos, desvendar enigmas que as forças dos ditos cristalizavam, achar outros lugares de sentido, aceitar o não sentido. O cerne mesmo da Coisa era poder buscar outros lugares em que a palavra, no corpo, pudesse dizer Outras palavras de nós mesmas: “Não carece da mulher falar não, na fala dele, já tem a fala dela”.

Essa fala, essa expressão de si - querer se contar - é própria do campo do feminino, que é habitado por homens e mulheres, elas, no entanto, têm uma particular produção nesse campo que venho tentando revelar nos textos que escrevo.

Louise Bourgeois e tantas outras artistas do século XX usufruíram dos benefícios da fala que passou a correr mais solta por aí...como também lutaram com elas em suas análises pessoais. Louise costumava dizer que iria fazer análise até o fim da vida porque não se conhecia.

Ela e outras resolveram se contar não só pelas obras que consideram sua pedra fundamental, o ícone de suas diferenças para aqueles que somente escrevem; mas também pelas palavras...

Chego ao fim deste trabalho com perguntas que fazem parte de meu método de trabalho: insistir com algumas interrogações que dizem da Coisa, mas que pedem que mais coisa se fale sobre A coisa...Por que ela escreve, se para ela “as formas são tudo”? (Bourgeois, 2000, p. 197).

[IV]

PÓS-ESCRITO...

Guapimirim, 12 de março de 2022.

Bem... depois de tanto tempo... começo à responder a pergunta que encerrou esse escrito. *Por que Louise Bourgeois escreve, se para ela “as formas são tudo” e o que “importa é a obra tridimensional”?*

Certo dia, em fevereiro de 2022, vendo o canal Curta, em São Luís do Maranhão com o Agostinho, vi um programa sobre Inhotim. Uma daquelas felicidades que te acontece repentinamente...

Antonio Grassi entrevistava Adriana Varejão e Walter Hugo Mãe. Eu maravilhada!! Num certo momento, Adriana fala de uma obra sua - "Azulejão" - que havia renomeado com um título enigmático: "Celacanto provoca maremoto". Esse título performático provocava espanto e, é claro, revela muitas contações de histórias, muitas narrativas...

Enfim...Celacanto é um peixe que vive nas profundezas do oceano Índico. É considerado um fóssil vivo. Não se sabe se ainda existe. *Um peixe existe? Clarice Lispector sonhou que era um peixe!*

Os Celacantos são dos tempos pré-históricos. Muito antigos... Apareceram na terra há cerca de 350 milhões de anos, portanto milhões de anos antes dos dinossauros.

Só essa história já "acrescenta narrativas" à obra de Adriana. E já se sabe...a Coisa vai ficando estranha quando se está em processo de criação. Acasos vão acontecendo. Se formos pela lógica cronológica, antes dessa história desconcertante do Celacanto, vem o Nacional Kid!?

Nacional Kid, uma série japonesa da década de 60 que só fez sucesso no Brasil, nem no Japão ela teve repercussão. Um personagem da estranha série japonesa, que queria dominar o mundo, solta a seguinte frase performática: "Quando o Celacanto fica furioso, as ondas do mar viram maremoto. O Celacanto provoca maremoto, logo isso vai se tornar realidade".

Eu via Nacional Kid quando era criança. Lembro que minha prima Ligia adorava, para trazer mais memórias ao meu escrito. A temática e a estética da série não me conquistaram. *Um peixe fóssil provoca maremoto?*

E para aumentar a contação de história, acrescentando mais narrativa; há 35 anos surgia um intrigante grafite nos muros do Rio de Janeiro. "Celacanto Provoca Maremoto". O jornalista Carlos Alberto Teixeira fotografou a frase já célebre da série japonesa citada aqui, Nacional Kid, e enviou para Adriana Varejão. *Como um peixe pré-histórico pode provocar um maremoto?*

Pois bem... A pergunta que eu fazia ao fim do meu escrito ganhou uma resposta. *Por que Louise Bourgeois escreve, se como ela mesma diz, para ela, "as formas são tudo" e o que importa mesmo é obra tridimensional?*

Ora, ora... para "acrescentar narrativas", como a própria Adriana contou na bem dita entrevista. Ela mudou o título escolhido



da sua obra “para acrescentar narrativas”. Se você escreve sobre sua obra, se você renomeia sua obra, você acrescenta Outras histórias, Outras narrativas...

Até a próxima! Quem sabe, com Adriana Varejão no centro da inspiração?

Referências

Bourgeois, Louise. *Destruição do pai. Reconstrução do pai*. SP: Cosac Naify, 2000.

Lacan, Jacques. *O seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Morineau, Camille. Narrações. In: *Elles: Mulheres artistas na coleção do Centro Pompidou*. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Brasil, 2013.